A Revolução da Harmonia Contra o Manifesto da Palantir: Controle Digital, Guerra Permanente e a Defesa da Liberdade Humana

La Revolución de la Armonía Contra el Manifiesto de Palantir: Control Digital Guerra Permanente y la Defensa de la Libertad Humana

The Revolution of Harmony Against the Palantir Manifesto: Digital Control Permanent War and the Defense of Human Freedom

Juan Garay

"*A medida de um homem é o que ele faz com o poder*." — Platão [1]

Resumo: O texto critica o manifesto da Palantir e o surgimento de um modelo civilizacional baseado na vigilância digital, inteligência artificial militarizada e concentração de poder tecnológico e financeiro. Argumenta que algoritmos, corporações e Estados ampliam o controle social, político e militar globalmente. Com base em pensadores como Arendt e Foucault, alerta para a normalização da vigilância e da obediência burocrática. Em contraste, propõe comunidades descentralizadas, cooperação, resiliência ecológica e simplicidade. Defende uma revolução da harmonia onde a tecnologia sirva à vida, justiça social e regeneração ambiental em vez da dominação humana, promovendo autonomia local e sustentabilidade coletiva humana.

Resumen: *El texto critica el manifiesto de Palantir y el surgimiento de un modelo civilizatorio basado en la vigilancia digital, la inteligencia artificial militarizada y la concentración del poder tecnológico y financiero. Sostiene que algoritmos, corporaciones y Estados expanden el control social, político y militar a escala global. Apoyándose en pensadores como Arendt y Foucault, advierte sobre la normalización de la obediencia y la vigilancia permanente. Frente a ello, propone comunidades descentralizadas, cooperación, resiliencia ecológica y simplicidad. Defiende una revolución de la armonía donde la tecnología sirva a la vida, justicia social y regeneración ambiental en lugar de la dominación humana.*

Summary: *The text critiques the Palantir manifesto and the rise of a civilizational model based on digital surveillance, militarized artificial intelligence, and concentrated technological and financial power. It argues that algorithms, corporations, and states together expand social, political, and military control at a global scale. Drawing on thinkers such as Arendt and Foucault, it warns of normalized surveillance and bureaucratic obedience. In contrast, it proposes decentralized communities, ecological resilience, cooperation, and simplicity. It calls for a "revolution of harmony" in which technology serves life rather than domination, emphasizing local autonomy, social justice, shared knowledge, and ecological regeneration as alternatives to centralized algorithmic control systems.*

A publicação do manifesto da Palantir Technologies [2] revela muito mais do que a orientação política de uma empresa de tecnologia. Ela expõe o surgimento de um novo modelo

civilizacional: um mundo governado por algoritmos, vigilância, inteligência artificial militarizada e confronto geopolítico permanente.

Por trás da retórica do patriotismo, da segurança e da liderança tecnológica encontra-se uma profunda transformação do próprio poder. No século XXI, a dominação já não é exercida apenas por exércitos, bancos ou fronteiras. Ela opera cada vez mais por meio de infraestruturas de dados, algoritmos preditivos, vigilância digital e sistemas de inteligência artificial capazes de monitorar, influenciar e disciplinar populações inteiras [3,4].

A Palantir está no centro dessa transformação.

Profundamente integrada ao Pentágono, às agências de inteligência, ao controle de fronteiras e às operações militares, a Palantir tornou-se um dos símbolos mais claros do poder tecnológico fundido ao poder estatal. Mas essa arquitetura de controle não existe isoladamente. Ela é inseparável da imensa concentração financeira representada por atores como a BlackRock e outros gigantes globais de investimento capazes de moldar governos, economias, sistemas energéticos, mercados imobiliários e prioridades corporativas em todo o planeta.

A concentração financeira e a vigilância algorítmica reforçam-se mutuamente de forma crescente. Uma controla os fluxos de capital. A outra controla os fluxos de informação.

Juntas, formam um sistema capaz de influenciar o consumo, o discurso político, as operações militares, o comportamento social e até mesmo a própria vida emocional por meio de plataformas digitais e infraestruturas em rede [5].

Isso não é apenas um problema tecnológico. É uma crise de direção humana.

O manifesto da Palantir celebra abertamente a militarização da inteligência artificial, a expansão do *hard power*, o serviço militar obrigatório e a mobilização estratégica dos engenheiros do Vale do Silício para o confronto geopolítico [2]. Parte-se do pressuposto de que o conflito entre potências é inevitável e de que a supremacia tecnológica deve definir o futuro da civilização.

Em muitos aspectos, isso representa um retrocesso histórico em relação ao espírito da Carta das Nações Unidas e da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelecidas após a devastação da Segunda Guerra Mundial [6]. Esses princípios internacionais buscavam colocar a dignidade humana, a paz, a cooperação, o asilo, os direitos sociais e o valor igual de todos os seres humanos acima do militarismo, da rivalidade imperial e do controle autoritário.

A doutrina emergente da militarização algorítmica corre o risco de reverter essa aspiração histórica.

Quando sistemas de vigilância normalizam o monitoramento permanente das populações, quando a inteligência artificial se torna central para a guerra, quando migrantes são tratados principalmente como ameaças à segurança e quando corporações tecnológicas se tornam profundamente entrelaçadas ao poder militar, a humanidade afasta-se da ética universal concebida após 1945 e caminha em direção a um mundo cada vez mais governado pelo medo, pela securitização e pela dominação tecnológica [7,8].

"*Os meios de defesa contra o perigo estrangeiro historicamente tornaram-se instrumentos de tirania interna*." — James Madison [9]

A filósofa Hannah Arendt advertiu que os maiores perigos para a humanidade muitas vezes não surgem apenas de indivíduos monstruosos, mas de sistemas que normalizam a obediência, a burocracia e a erosão da responsabilidade moral [10]. Hoje, a governança algorítmica corre o risco de criar precisamente essa condição: um mundo em que decisões que antes exigiam reflexão ética são cada vez mais delegadas a sistemas opacos de processamento de dados e controle preditivo.

Da mesma forma, Michel Foucault descreveu como as sociedades modernas evoluem em direção a formas sutis de vigilância e poder disciplinar, nas quais os indivíduos internalizam o monitoramento e se adaptam aos sistemas de controle [11]. Infraestruturas digitais alimentadas por inteligência artificial agora estendem esses mecanismos a uma escala sem precedentes.

Análises recentes publicadas em Policies for Equitable Access to Health (PEAH) argumentam que sistemas algorítmicos estão cada vez mais entrelaçados com tensões geopolíticas, gastos militares e desigualdades globais crescentes, contribuindo indiretamente para mortalidade evitável, fragmentação social e degradação ecológica [12–15].

Ainda assim, muitos pensadores ao longo das civilizações apontaram a humanidade para outro caminho.

"*Você não é uma gota no oceano. Você é o oceano inteiro em uma gota*." — Rumi [16]

O místico persa Rumi compreendeu séculos atrás que os seres humanos estão profundamente interconectados, e não isolados como competidores dentro de sistemas de dominação. As crises ecológicas e espirituais do nosso tempo refletem precisamente a perda dessa consciência de interdependência.

Da mesma forma, Laozi ensinou que a harmonia surge não pela força e pela dominação, mas pelo equilíbrio com a ordem natural. A obsessão pelo crescimento permanente, pela supremacia estratégica e pelo controle tecnológico está em contradição direta com essa sabedoria [17].

As preocupações levantadas pelo manifesto da Palantir ressoam com os avisos recentes expressos na encíclica *Magnifica Humanitas* do *Papa Leão XIV*, que argumenta que a inteligência artificial deve servir a humanidade em vez de concentrar o poder através de sistemas de vigilância, exclusão e dominação algorítmica [27].

A civilização tecnológica moderna gerou capacidades extraordinárias, mas carece cada vez mais de orientação moral.

"*Tornou-se assustadoramente óbvio que nossa tecnologia ultrapassou nossa humanidade*." — Albert Einstein [18]

O alerta de Einstein ressoa poderosamente em uma era em que a inteligência artificial pode orientar armas autônomas, manipular emoções sociais por meio de algoritmos e normalizar a vigilância planetária.

Da mesma forma, Nikola Tesla previu tanto o potencial libertador quanto o destrutivo dos sistemas tecnológicos [19]. Tesla acreditava que a tecnologia deveria emancipar a

humanidade do sofrimento e da escassez, e não se tornar um instrumento de dominação centralizada.

Mas a humanidade não precisa de um futuro organizado em torno do medo.

Os maiores perigos enfrentados pela humanidade hoje não são a sofisticação insuficiente dos softwares militares, mas o colapso ecológico, a solidão, a desigualdade, a fragmentação social, o esgotamento mental, o deslocamento forçado, a perda da biodiversidade e a destruição da vida comunitária [20].

Nenhum algoritmo pode resolver essas crises se a civilização subjacente continuar fundamentada na dominação, na extração e na competição.

"*A Terra provê o suficiente para satisfazer as necessidades de todos os homens, mas não a ganância de todos os homens*." — Mahatma Gandhi [21]

A questão central, portanto, não é se a inteligência artificial se tornará mais poderosa. Certamente se tornará. A verdadeira questão é: A quem ela servirá? À vida ou à dominação? Às comunidades ou ao poder centralizado? À liberdade ou ao controle?

Contra essa crescente arquitetura de vigilância e medo, a resistência não pode depender apenas da oposição política dentro dos sistemas existentes. É necessária uma transformação cultural e civilizacional mais profunda.

A resposta ao autoritarismo tecnológico não é o primitivismo tecnológico. Nem a resignação passiva. A resposta é a criação de comunidades resilientes, cooperativas, descentralizadas e centradas na vida, capazes de reduzir a dependência de sistemas de controle centralizado.

Em todo o mundo, ecovilas, comunidades agroecológicas, movimentos indígenas, redes cooperativas e iniciativas de resiliência local estão experimentando outra forma de habitar a Terra: vida simples, conhecimento compartilhado, regeneração ecológica, autonomia local, ajuda mútua e relações humanas enraizadas na coragem e na ternura, e não na competição e no medo [22].

Em um mundo cada vez mais dominado pela manipulação digital, pelo consumo permanente e pela economia militarizada, escolher a simplicidade torna-se um ato revolucionário. Cultivar alimentos. Compartilhar ferramentas. Regenerar os solos. Reduzir dependências. Aprender coletivamente. Cuidar dos ecossistemas. Construir resiliência local. Criar espaços de afeto e ajuda mútua.

Essas não são atividades marginais. São formas de resistência pacífica contra sistemas que dependem da atomização, da dependência e do medo.

"*A suprema arte da guerra é subjugar o inimigo sem lutar*." — Sun Tzu [23]

Ao mesmo tempo, comunidades isoladas por si só não bastam. As redes são essenciais. O futuro pode depender menos de ideologias centralizadas e mais de redes descentralizadas de cooperação conectando comunidades, pesquisadores, agricultores, educadores, profissionais de saúde, ativistas e pessoas comuns através das fronteiras.

Essa é a importância de iniciativas como a SHEM, cujos webinars e processos educativos colaborativos enfatizaram as conexões entre justiça social, sustentabilidade ecológica, saúde pública e equidade estrutural [24].

Ensaios recentes como Um Novo Horizonte: De Sistemas Quebrados a Comunidades Vivas e O Poder Progressivo dos Dados e Algoritmos, e Seus Efeitos sobre a Perda de Vidas Humanas Devido a Tensões Geopolíticas, Gastos Militares e Injustiça Global argumentam que a trajetória atual do capitalismo tecnológico está gerando danos profundos à saúde, à democracia, aos ecossistemas e ao sentido coletivo, ao mesmo tempo em que delineia caminhos em direção a comunidades locais resilientes, colaboração de código aberto e redes baseadas na solidariedade [12,13].

O conhecimento deve deixar de funcionar principalmente como mecanismo de dominação e retornar ao seu propósito mais profundo: a proteção e o florescimento da vida.

Da mesma forma, movimentos que defendem a dignidade e a soberania dos povos — incluindo iniciativas humanitárias como a *Freedom Flotilla Coalition* e o espírito de Sumud, o princípio palestino de firmeza e resistência enraizada — lembram à humanidade que coragem não é apenas militar. Às vezes, coragem significa permanecer humano sob sistemas projetados para normalizar a desumanização.

As próximas décadas podem testemunhar uma intensificação da vigilância digital, de armas autônomas, do monitoramento biométrico, da propaganda orientada por IA e da governança algorítmica.

Mas a história não está predeterminada. Sistemas de dominação parecem invencíveis até que culturas comecem a retirar deles sua legitimidade moral.

"*Quanto mais uma sociedade se afasta da verdade, mais odiará aqueles que a dizem*." — frequentemente atribuído a George Orwell [25]

A resistência mais poderosa pode acabar surgindo não da violência, mas de milhões de pessoas reconstruindo gradualmente outra maneira de viver: menos dependente, menos temerosa, menos consumista, menos isolada, e mais profundamente conectada umas às outras e à Terra viva.

A revolução de que a humanidade necessita agora talvez não seja uma revolução de conquista, mas uma revolução de harmonia. Uma revolução fundamentada na coragem e na ternura. Coragem para resistir a sistemas que reduzem os seres humanos a pontos de dados, consumidores ou ativos estratégicos. Ternura para cuidar uns dos outros, regenerar ecossistemas, acolher a diversidade e reconstruir comunidades capazes de viver sem dominação.

Como Ivan Illich argumentou em *Tools for Conviviality*, as tecnologias deveriam fortalecer a autonomia, a criatividade e as relações humanas, em vez de criar dependência de sistemas centralizados controlados por instituições distantes [26].

Talvez o futuro da liberdade não seja decidido nas salas de reunião das corporações tecnológicas ou das alianças militares, mas nos campos, florestas, aldeias, ecovilas, redes de solidariedade e espaços compartilhados onde os seres humanos redescobrem como viver de forma simples, cooperativa e em paz.

A luta do século XXI pode, em última análise, ser uma luta entre dois modelos civilizacionais: um organizado em torno da vigilância, da competição, da militarização e do poder tecnológico centralizado; o outro organizado em torno da vida, da comunidade, do equilíbrio ecológico, do conhecimento compartilhado e da dignidade soberana dos povos.

A escolha permanece em aberto.

Referências

[1] Platão. A República. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

[2] Palantir Technologies. The Technological Republic: Hard Power, Soft Belief, and the Future of the West.

[3] Zuboff, Shoshana. The Age of Surveillance Capitalism. New York: PublicAffairs, 2019.

[4] Harari, Yuval Noah. Homo Deus: A Brief History of Tomorrow. New York: Harper, 2017.

[5] Fuchs, Christian. Digital Demagogue: Authoritarian Capitalism in the Age of Trump and Twitter. London: Pluto Press, 2018.

[6] United Nations. Charter of the United Nations and Universal Declaration of Human Rights.

[7] Amnesty International. Surveillance Giants: How the Business Model of Google and Facebook Threatens Human Rights, 2019.

[8] Lyon, David. The Culture of Surveillance: Watching as a Way of Life. Cambridge: Polity Press, 2018.

[9] Madison, James. The Federalist Papers.

[10] Arendt, Hannah. Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil. New York: Viking Press, 1963.

[11] Foucault, Michel. Discipline and Punish: The Birth of the Prison. New York: Pantheon Books, 1977.

[12] Garay, Juan. Um Novo Horizonte: De Sistemas Quebrados a Comunidades Vivas. PEAH.

[13] Garay, Juan. O Poder Progressivo dos Dados e Algoritmos, e Seus Efeitos sobre a Perda de Vidas Humanas Devido a Tensões Geopolíticas, Gastos Militares e Injustiça Global. PEAH.

[14] Policies for Equitable Access to Health (PEAH). Essays on global inequities, militarization, and public health.

[15] Reports on ecological degradation, geopolitical tensions, and algorithmic governance discussed in PEAH.

[16] Rumi. The Essential Rumi.

[17] Laozi. Tao Te Ching.

[18] Einstein, Albert. Essays in Humanism.

[19] Cheney, Margaret. Tesla: Man Out of Time. New York: Simon & Schuster, 1981.

[20] IPCC. Climate Change Assessment Reports.

[21] Gandhi, Mahatma. Collected Works of Mahatma Gandhi.

[22] Holmgren, David. Permaculture: Principles and Pathways Beyond Sustainability.

[23] Sun Tzu. The Art of War.

[24] SHEM — Sustainability, Health, Equity and Mutuality collaborative initiatives and webinars.

[25] Quote frequently attributed to George Orwell; attribution disputed.

[26] Illich, Ivan. Tools for Conviviality. New York: Harper & Row, 1973.

[27] Leo XIV. Magnifica Humanitas: On Safeguarding the Human Person in the Time of Artificial Intelligence. Vatican, 15 May 2026.